



A vida intercultural como um sinal de esperança profética

Irmã Adriana Carla Milmanda, SSps

Irmã Adriana Carla Milmanda é membro da Congregação Missionária das Servas do Espírito Santo e atual Superiora Provincial de sua Província de origem: Sul da Argentina. É bacharel e professora de Teologia pela Pontifícia Universidade Católica, na Argentina e obteve um mestrado em Estudos Interculturais e Bíblia na CTU (Associação Católica de Teologia) Chicago, EUA. Ela acompanhou e trabalhou principalmente em projetos destinados à promoção e capacitação de jovens e mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica na Argentina e nas Ilhas Fiji, no Pacífico Sul. Desde 2013, ela faz parte de um comitê internacional que, em conjunto com a Sociedade do Verbo Divino, desenvolve programas voltados para a conscientização e formação para a Vida e a Missão Intercultural, tanto para os membros de suas Congregações quanto para o serviço de outras que o solicitam.

Original em Espanhol

Queridas Irmãs Superioras Gerais.

É uma honra para mim estar hoje falando a vocês, representantes de tantas Congregações e de tantas Irmãs espalhadas no mundo inteiro. Sem dúvida, é uma situação que nunca imaginei e uma experiência que agradeço pela confiança que a UISG depositou em mim ao convidar-me. Sou agradecida às organizadoras por conceder-me esta honra e dou graças a Deus por tornar realidade meu sonho de adolescente de “chegar até os confins do mundo”. Deus realiza, cedo ou tarde, nossos sonhos mais profundos... embora a sua própria maneira e em seu tempo!... Em vez de eu ir a todos os recantos da terra, Ele me traz, esses lugares para mim, através de vocês e de tantos outros encontros que tenho vivido a partir deste tema da vida e missão intercultural que estou aprofundando, de maneira especial, desde alguns anos.

Como Missionária Serva do Espírito Santo pertencço a uma congregação em que a vida e a missão multicultural e internacional são partes essenciais de nossa história fundacional e de nosso carisma. Sem dúvida, meu interesse mais pontual neste tema nasceu de minha própria experiência de alegria, frustração, dor e aprendizagem quando fui enviada a abrir uma nova presença missionária nas Ilhas Fiji (no Pacífico). Pertencíamos a nossa província religiosa da Austrália e tive que viver – no espaço de 5 anos – com Irmãs de comunidades provenientes de Papua Nova Guiné, Alemanha, Indonésia, Índia, Benin e eu, da Argentina. Passamos a maior parte do tempo em duas (2) e somente uma permaneceu por um período de 2 anos. Ao mesmo tempo, estávamos fazendo caminho num país que, por sua vez, é composto por gente autóctone do lugar e de um grupo, numericamente quase igual, de pessoas originárias da Índia. Motivada por esta experiência, repleta de alegria, descobertas, dor, mal-entendidos, frustrações e muita aprendizagem, decidi estudar o tema das culturas e a missão, a nível acadêmico, para processar e aprender do que tenho vivido, o que me sustenta na experiência presente e me anima para o futuro.

O contato e o intercâmbio entre culturas dos recantos mais diversos do mundo, estão aumentando e nos estão sendo exigidos de maneira cada vez mais rápida. São praticamente muito poucos os grupos que permanecem isolados do contato com os demais, porque são, hoje, favorecidos pelos meios de comunicação e transporte de

nossa era globalizada. O fenômeno das migrações e dos deslocados compulsivos em massa ou forçados pela violência, a mudança climática, a perseguição política ou religiosa, a pobreza, a xenofobia ou a falta de oportunidades, faz com que sejam milhões de pessoas que, diariamente, se mudem de um lado a outro do mundo.

A multiculturalidade e a interculturalidade se tornaram, nos últimos 20 anos, um tema transversal que é debatido em campos tão variados como a educação, a saúde, a filosofia e o mundo empresarial, entre outros. A nível teológico, nos temos preocupado, durante muitos anos, da “inculturação” da fé, do evangelho, da liturgia, dos missionários, etc. A inculturação responde à pergunta de como fazer com que a fé, partilhada pelo missionário e a missionária que vêm de “fora” ou “ad gentes”, se encarne na cultura local de tal maneira que a fé transmitida possa tornar-se parte e expressar-se através da simbologia, dos valores e do imaginário da cultura local. Esta pergunta respondia a um contexto eclesial onde a missão era, especialmente, unidirecional: desde os países “evangelizados” aos “não-evangelizados”, os pagãos (como se costumava chamar). Hoje, a realidade é muito mais complexa e multidirecional, de maneira que, desde a missiologia, já se tem começado a falar da missão “inter-gentes” da Igreja (em vez de “ad-gentes”) e a inter-culturação, que sem acabar com o desafio vigente da inculturação, incorpora os desafios e oportunidades do novo contexto atual multidirecional do mundo e da Igreja de hoje.

Desde a vida consagrada, chamada a estar nas fronteiras da Igreja, esta realidade também nos atinge, nos desinstala, nos impacta... desde o interior de nossas comunidades e até o exterior, na missão e nos apostolados. Sem dúvida, estou convencida de que temos um “tesouro” de experiência vivida da qual nem sequer estamos conscientes. Muitas de nossas congregações estiveram na vanguarda da vida multicultural quase um século antes que o mundo começasse a falar disso. Para outras, a experiência é mais recente. Sem dúvida, é este cabedal de experiência e conhecimento que hoje somos chamadas a partilhar umas com as outras e a colocar a serviço da humanidade e da Igreja. Por outro lado, a fim de capitalizar este cabedal de experiência, somos desafiadas a abrir-nos às ferramentas que outros campos mais específicos vão desenvolvendo desde o pensar filosófico, às ciências da comunicação, à educação, à sociologia, etc.

Esta combinação de experiência de vida, reflexão teológica e um pouco de possíveis ferramentas é o que tentarei apresentar, hoje, neste breve espaço que vamos compartilhar. Pode a vida intercultural converter-se numa das sementes com germe de esperança profética que queremos semear no mundo de hoje como mulheres consagradas? Estou convencida da resposta positiva a esta pergunta e da urgência com a qual ela deve ser assumida em cada uma das nossas congregações e na Igreja em seu conjunto, também.

Sem dúvida, o ponto mais crucial que preocupa a maioria das congregações é como vivê-lo e como fazê-lo. Portanto, tratarei de abordar a apresentação deste tema em quatro passos:

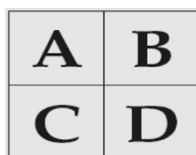
1. Esclarecimento dos conceitos de interculturalidade e outros a ele relacionados.
2. Como viver em clave intercultural?
3. A debilidade e o poder de converter-se em sinal.
4. A urgência de uma opção intencional a partir da profecia e para a esperança.

1. O conceito de interculturalidade e conceitos relacionados

Não podemos abordar o conceito de interculturalidade sem esclarecer outros termos que se relacionam e/ou descrevem o que a interculturalidade significa e propõe:

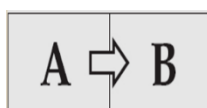
Multiculturalidade: Quando falamos de um grupo ou evento ou vida multicultural, estamos ressaltando o fato de que seus participantes ou membros provêm de diferentes culturas; por exemplo, uma paróquia, uma empresa, uma cidade, e inclusive um país, podem ser multiculturais. Se ressaltamos o fato de que as pessoas provêm, também, de nacionalidades distintas: diremos que o grupo tal é multicultural e internacional. Então, este fato, em si mesmo, não implica em nenhuma relação ou interação entre seus membros. Posso viver toda a vida numa cidade habitada por vizinhos de origens culturais distintas sem que isso me leve a querer aprender

seu idioma, gostar de suas comidas, compreender seus valores, etc. Se o representarmos com um gráfico, poderíamos visualizá-lo assim¹:



Experiência trans-cultural: Digamos agora que uma pessoa da cultura “A” decide mudar-se ao bairro da cultura “B”. A pessoa estaria fazendo uma experiência transcultural. Note-se que falamos de um “mudar-se” por determinada quantidade de tempo e não de uma simples visita turística. O mudar-se implica, neste exemplo, um grau de compromisso e de risco que não são assumidos quando estamos de passagem e nos consideramos turistas, visitantes, exploradores ou, no pior dos casos, conquistadores ou colonizadores...

Se o representássemos com um gráfico, poderíamos visualizá-lo assim:



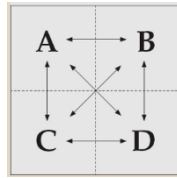
Esta experiência de aprendizagem e de adaptação a outra cultura, diferente daquela na qual fomos socializadas, chama-se aculturação. A aculturação é, em si mesma, uma experiência desafiadora e enriquecedora uma vez que vamos superando as etapas que, normalmente, vão se apresentando, em maior ou menor grau, segundo a magnitude da diferença cultural e a personalidade e/ou preparação da pessoa. Em geral, essas etapas passam de um primeiro enamoramento idílico do “diferente”, a um desprezo profundo dessa mesma “diferença”, até o encontro de um equilíbrio que sabe apreciar as qualidades, bem como também discernir as sombras da outra cultura e da própria.

Caso não encontre esse equilíbrio, a pessoa sofre o risco de sentir-se cansada num sonho que não responde à realidade (Irmãs que “maternalizam” a cultura assumida e, então, atuam e falam “delas” como pobrezinhas/pobrezinhos...” ou são incapazes de desenvolver relações com as pessoas do lugar: todos os seus amigos ou pessoas de referência seguem sendo, apesar do tempo, de seu lugar de origem e seguem, excessivamente, em comunicação com elas e/ou com as notícias de seu lugar). Ou, pelo contrário, sofrem um choque cultural que as faz cair na depressão, apatia, hipocondria, excessiva preocupação por sua saúde e/ou limpeza, excesso nas horas de sono ou na comida, etc. Estes são “sintomas” de um choque cultural aos quais devemos prestar muita atenção quando perduram no tempo logo após uma mudança transcultural.

Menciono estes processos que acontecem na transculturação já que, muitas vezes, coincidem com a formação da comunidade multicultural. Assim que é muito importante levar em conta que, em numerosas oportunidades, a pessoa não só está se adaptando à cultura do lugar aonde chegou e, talvez, esteja também aprendendo um novo idioma – o qual, por si, já é algo altamente exigente – senão que, também, e simultaneamente, está interagindo com múltiplas culturas dentro e, quiçá, também fora de sua comunidade. Às vezes, ao formar comunidades multiculturais não tomamos em consideração ou não acompanhamos suficientemente os processos pessoais da transculturação e inculturação que cada uma das Irmãs vai, por sua vez, passando a nível pessoal, juntamente, com os desafios comunitários e pastorais. Por si mesmo, só se pode iniciar processos verdadeiramente interculturais com pessoas que já tiveram, no mínimo de 3 anos, da experiência de transculturação.

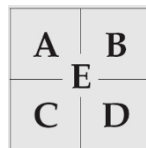
Interculturalidade: Olhemos agora o gráfico das culturas A, B, C e D para ilustrar a diferença entre multiculturalidade e interculturalidade.

¹ Os seguintes gráficos e seu modo geral de apresentá-los foram tomados de Gittins, Anthony J., *Vivendo a Missão Interculturalmente: Fé, Cultura e Renovação da Prática* (Kindle Locations 621-746). Liturgical Press. Kindle Edition.



Enquanto no primeiro gráfico se ressaltava o fato da coexistência de diferentes culturas nos compartimentos claramente delimitados, neste segundo gráfico, vemos flechas que saem de cada grupo ou pessoa em direção a cada um dos outros grupos ou pessoas ressaltando a interrelação que existe entre elas. Ao mesmo tempo, as flechas não marcam uma única direção senão um caminho de ida e volta. Uma saída para a outra pessoa é uma acolhida da outra pessoa. Assim mesmo, as linhas divisórias não são contínuas, mas pontilhadas, fazendo que os limites entre umas e outras culturas já não sejam tão marcantes e claros.

Sem dúvida, este gráfico também não ilustra a comunidade intercultural. As boas relações, a comunicação e uma boa convivência – se bem que são muito importantes e necessárias, - não são suficientes. A comunidade intercultural é chamada a dar um passo a mais além da tolerância e das diferenças e viver um processo de transformação, ou conversão, que a desafia a criar, como fruto desta interrelação, uma nova cultura.



Neste terceiro gráfico, chamaremos “E” a esta nova cultura que é fruto da vida intercultural. A cultura “E” estará conformada por uma nova e única combinação de alguns elementos de cada uma das culturas participantes, fazendo que cada uma das pessoas se sinta, ao mesmo tempo, “em casa”, porém diante de algo “novo”.

Esta combinação surgirá como resultado sempre dinâmico do processo de interação e de acordos feitos entre as partes. Neste processo, a comunidade se enriquece mutuamente com os valores e luzes que cada cultura possui, porém também se desafia e se confronta reciprocamente nas sombras e pontos cegos que cada cultura também tem (ex.: a vitimização, complexos de superioridade ou inferioridade, mentalidade imperialista, racismo, preconceitos históricos, etc.). Este modelo de interação comunitária entre culturas, num plano de simetria e igualdade, está diametralmente oposto ao modelo assimilacionista que prevaleceu (e sobrevive ainda?!!!) em grupos em que as culturas minoritárias ou, presumivelmente, sub-desenvolvidas, não civilizadas, ou “pagãs” tinham que se adaptar, conformar-se e assumir a cultura superior ou majoritária deixando a própria de lado. Este modelo assimilacionista é aquele que regeu a maioria de nossas congregações no “recrutamento” de vocações nos assim chamados “países de missão”. O modelo assimilacionista está enquadrado num enfoque que supõe a integração como uma afirmação hegemônica da cultura do país de acolhida. Segundo este modelo, espera-se que a pessoa imigrante ou a formanda, em nosso caso, se comporte e assuma a cultura da sociedade ou da comunidade que a recebe, prescindindo ou anulando sua cultura de origem.

Ao contrário, em vez da “assimilação” que nega e quer apagar as diferenças, o modelo que apresenta a interculturalidade busca conhecer, valorizar, aprofundar e integrar essas diferenças. Como resultado da interrelação e encontro entre culturas, somos convidadas a criar uma nova cultura “E”, na qual cada uma possamos dar o melhor de nós mesmas, partilhar nossos dons, e deixar-nos desafiar pelo encontro e a relação com o “diferente” para que nossas sombras se convertam à luz do Evangelho. Humanamente falando, a interculturalidade é um movimento contra-cultural no qual poucas pessoas se sentiriam bem ou para o qual estariam capacitadas. Nossas culturas nos “programam” para que tendamos a relacionar-nos com “os outros” para defender-nos dos “outros”, “os diferentes” e suas potenciais ameaças. A partir da fé e do poder da graça, sem dúvida, a inclusão em igualdade é o Projeto do Reino que Jesus pregou e, como tal, é obra do Espírito Santo.

Culturas: Os termos recém apresentados, nos levam, por sua vez, a aprofundar, brevemente, nossa compreensão do termo “cultura”. O conceito como tal, de origem antropológica, não tem uma única definição,

pois foi mudando com o tempo e pode ser analisado de muitas perspectivas diferentes. Sem dúvida, para nossos fins, vamos tomar a definição que apresenta a “cultura” como

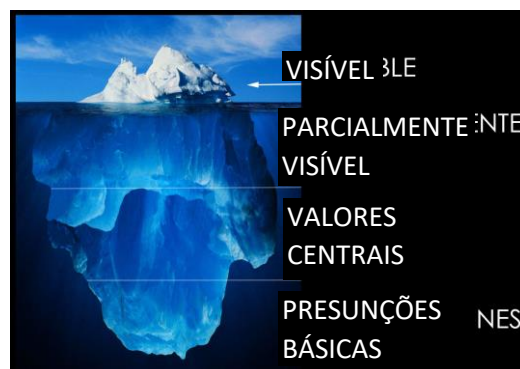
A maneira de viver de um grupo de pessoas – comportamentos, crenças, valores e símbolos – que elas aceitam, geralmente, sem pensar e que são transmitidos através da comunicação e a imitação de uma geração à seguinte.

A cultura, como tal, não existe; mas quem existe são as pessoas que encarnam determinada cultura ou usam determinadas “lentes culturais” que trazem sentido a suas vidas, e lhes permitem comunicar-se e organizar-se. Minha cultura é a melhor forma que “minha” gente encontrou para sobreviver e desenvolver-se no contexto e lugar que nos coube. Por isso, nenhuma cultura pode abdicar-se o direito de converter-se em “norma” universal de outras culturas. Nosso desafio, na Igreja, é que, durante séculos, temos confundido nossa fé com a cultura que mediou sua transmissão (tanto as culturas que mediaram a escritura de nossos Textos Sagrados como a cultura ocidental que logo expandiu a implantação da Igreja).

Vejamos algumas características da cultura: a cultura se aprende e se transmite através da socialização nos grupos primários e secundários em que crescemos (a família, o clã, o bairro, a escola, a cidade ou o campo, a classe social, a religião, a profissão, e os distintos grupos de identificação e pertença em que fomos nos formando). A cultura é estável e dinâmica, vai mudando com muita lentidão, porém ela é tão parte de nós mesmas que não a conhecemos até que não “saímos” dela.

Somente no contato com a “outra”, com a “diferente”, começamos a conhecer nossa própria cultura e as demais... é um conhecimento que se dá por comparação com os “outros”, aqueles e aquelas de “fora” do nosso grupo. Esta divisão entre “nós” (as mulheres, as católicas, as religiosas, as profissionais, as latinoamericanas, as argentinas, as do sul, as do norte, etc.) e “eles/as” (os/as que não são como “nós”) nos protege e nos dá sentido de identidade e pertença, porém também nos isola, nos confronta e nos enche de medo frente ao “desconhecido”. Não existem culturas superiores ou mais desenvolvidas e culturas menos desenvolvidas ou inferiores; apenas culturas diferentes. E cada cultura acredita que é a melhor já que é a melhor forma que permitiu a seu grupo de adaptar-se ao contexto no qual se desenvolveu.

Conhecer a cultura é muito difícil. Para ilustrar esta dificuldade, pode-se compará-la com um pedaço de gelo de cuja superfície só podemos ver 10%, enquanto que os 90% estão debaixo da água. Do mesmo modo, os elementos materiais de cada cultura (como roupas e comidas típicas, artefatos tradicionais, danças, etc) constituem apenas o 10% que podemos ver, sentir, escutar, ouvir e enumerar com facilidade. Nos 90% restantes, que correspondem aos elementos imateriais, podemos distinguir, por sua vez, 3 níveis: um primeiro nível parcialmente visível ao qual podemos chegar quando o buscamos intencionalmente (o que está por detrás da linguagem, os estilos de comunicação, de liderança, de resolução de conflitos, etc.), um segundo nível (aquele dos valores centrais) aos quais podemos chegar com muita dificuldade e introspecção e, um terceiro nível (aquele das presunções básicas) que é tão profundo e inconsciente que não podemos chegar a conhecê-lo realmente: é o que tomamos como “o normal”, “o dado”.



A partir desse breve quadro terminológico, procuro deixar claro para nós que viver interculturalmente é uma vocação e uma opção contra-cultural e que, como tal, apela à fé e à vida da graça. Humanamente, todas nós tendemos a procurar e interagir com aquelas com quem nos sentimos identificadas e, portanto, compreendidas, incluídas, aceitas. O "diferente", ao contrário, tende a nos assustar, nos desafia, gera em nós desconfiança.

Essa desconfiança, especialmente por culturas que sofreram a experiência de colonização ou de invasão de suas nações, não é injustificada ou menor; pelo contrário, é uma ferida coletiva que perdura por gerações e que deve ser curada pessoalmente para enfrentar um projeto de vida e missão intercultural. A vida intercultural não é dada automaticamente pela mera coexistência de pessoas de diferentes culturas, pelo contrário, deve ser intencionalmente construída e assumida como um processo de conversão pessoal e comunitária. Diferentemente das empresas transnacionais, que buscam fazer da interculturalidade uma ferramenta que melhore suas vendas, somos convidadas a torná-la um modo de vida que nos torne mais fiéis no seguimento de Jesus e na construção do Reino.

2. Como vive rem clave Intercultural?

Como pudemos ver, a cultura é algo que vai além de toda as áreas, aspectos e facetas da nossa vida. É o próprio meio pelo qual organizamos nossa percepção da realidade, construímos um sentido coletivo do mundo que nos cerca (material e imaterial) e nos comunicamos. Por tudo isso, a cultura é comparada às lentes pelas quais olhamos. Ao mesmo tempo, também é comparada a um bloco de gelo, porque a cultura atravessa tão intimamente a nossa vida que se torna impossível conhecê-la objetivamente e até mesmo acessar os tons mais profundos que dão a cor das nossas lentes. Nossos valores, códigos morais, preferências, nosso senso de respeito, senso de autoridade, sentido de organização, nosso manejo e gestão do tempo, etc ... tudo é atravessado pela cultura e pelas culturas dos grupos de pertencimento com os quais nos socializamos. Para mim, foi algo tão fascinante que só pude ver quando encontrei-me numa cultura muito diferente da minha como foi a de Fiji.

O que fazer então para nos abirmos a essa realidade do multiculturalismo e começar a viver na chave da interculturalidade? Como superar o medo ou a perigosa mera tolerância do "diferente" para começar a sair para conhecer o outro e a outra? A interculturalidade, mais do que um tópico, é um processo; é um novo paradigma que quer responder à realidade que nos rodeia e se impõe a nós; é uma chave a partir da qual podemos reler nossa vida e missão como consagradas no mundo de hoje.

Em vista do tempo que temos disponível, eu gostaria de destacar pelo menos três elementos que, da minha experiência, são essenciais para responder ao como começar a dar origem a este novo paradigma em nossas comunidades:

1. **Preparação:** por ser uma opção contracultural, a vida intercultural requer dedicar tempo e esforço à preparação das Irmãs. Esta preparação inclui:
 - Um conhecimento básico dos traços e características marcantes das culturas que interagem (nacionalidade, etnia, geração, educação, origem socioeconômica, etc). Em vez de nos focarmos apenas no que nos une (o que é muito bom e é faz muito bem estimulá-lo), a interculturalidade nos desafia a explorar, valorizar e capitalizar, também, o que nos diferencia.
 - A criação de um "espaço seguro" de confiança e cuidado mútuo, para expressar-se de maneira livre, sem medo de ser julgada e / ou rotulada.
 - O uso de várias estratégias que ajudam a manter a motivação que leva a atender e a acolher a "diferença" superando as dificuldades que ocorrerão na comunicação.
2. **Intencionalidade:** a motivação anterior é um elemento que deve nos levar a sustentar o empenho intencional de construir a partir das diferenças ao longo do tempo. Intencionalidade requer crescimento na sensibilidade intercultural procurando:
 - ferramentas que favorecem
 - a comunicação (verbal e não-verbal) e
 - a resolução de conflitos tanto expressos como latentes.
 - ou trabalho pessoal e comunitário que fortalece e desenvolve
 - a capacidade de resiliência e
 - o detectar a tempo a atitude conformista perigosa que se contenta com uma simples "tolerância" da diferença.
3. **Espiritualidade:** a vida intercultural, como proposta que emerge da nossa fé "católica" (que significa "universal"), é um processo pessoal e comunitário de conversão que perdura ao longo da vida. O etnocentrismo (tomando nossa cultura como o centro do mundo e norma para medir outras culturas), os estereótipos culturais e seus consequentes preconceitos estão presentes no mundo, na Igreja e em cada

uma de nós. Reconhecê-los e nos abrir pessoalmente e coletivamente para desconstruí-los é o iniciar de um caminho de transformação ou conversão. Como caminho espiritual, a vida e a missão interculturais, mais do que um objetivo, trata-se de uma busca e um processo. Não tem receitas, nem soluções rápidas para os conflitos que isso acarreta. Pelo contrário, a interculturalidade nos desafia a coexistir com os paradoxos e as sombras dos espaços limiares que nos abrem para a transformação e o crescimento. Por isso mesmo, a vida intercultural tem a fragilidade e o poder do "sinal".

3. A fragilidade e o poder de se converter em sinal

Os sinais nos dão pistas, nos indicam e apontam para algo que vai além de si. São concretos, são temporários, devem ser corretamente interpretados e decodificados e, por tudo isso, os sinais são frágeis e limitados... mas possuem também um extraordinário poder simbólico que pode capturar nossa imaginação e nos conectar com o transcendente, com os valores que não se veem, o significado da vida, a utopia, a esperança e a fé.

Nesse sentido, a contribuição que a vida consagrada pode dar à reflexão e à prática da interculturalidade, no mundo atual, é única e urgente. Porque a interculturalidade, desprovida do seu potencial simbólico e do seu horizonte de um Projeto que a transcende (o Projeto do Reino), corre o risco de se tornar um novo colonialismo. Uma nova forma de manipulação nas mãos dos mais poderosos de hoje. Um instrumento ao serviço da lógica de um sistema econômico e político que é inerentemente excludente e que se impõe sem considerar custos ou consequências sobre as culturas mais vulneráveis, oprimidas e humilhadas, sobre as pessoas estão "gritando" para sobreviver.

Pelo contrário, a interculturalidade, como caminho espiritual, pode fornecer a nós e ao mundo uma alternativa totalmente diferente. A vida religiosa, hoje, imersa como num mundo cada vez mais globalizado, é chamada a responder aos sinais dos tempos, transformando-se ela mesma num sinal contracultural e intercultural do Projeto do Reino de Deus radicalmente inclusivo e igualitário:

²⁶“... porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus.

²⁷Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo.

²⁸Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (Gal. 3,26-28)

Esta foi a experiência fundadora e revolucionária das primeiras comunidades e dos primeiros discípulos de Jesus! A inclusão radical e igualitária do anúncio e práxis de Jesus foi a identidade característica das primeiras comunidades que, gradualmente, as separaram do judaísmo. No entanto, esse caminho foi e é um caminho de progresso e retrocesso feito por momentos-chave de conversão pessoal e comunitária. Lembremo-nos, como um dos exemplos paradigmáticos, por exemplo, da "conversão" de Pedro no texto conhecido como a "Conversão de Cornélio" (At 10,1-48). Nesta história extraordinária precedida pela visão do lençol, onde Peter é "desafiado" por Deus para comer animais cultural e religiosamente impuros para ele. Ele acaba quebrando uma série de tabus (receber e hospedar pagãos, comer e confraternizar-se com eles, entrar em suas casas e batizá-los sem ter sido circuncidado anteriormente) para afirmar, no auge de sua total surpresa e estupor, que verdadeiramente somente ali entendeu que Deus não faz distinção de pessoas:

³⁴Então Pedro Pedro começou a falar. Ele disse: - Agora eu sei que, de fato, Deus trata a todos de modo igual ³⁵pois ele aceita todos os que o temem e fazem o que é direito, seja qual for a sua raça. (Atos 10,34-35)

Em Jesus mesmo podemos rastrear a sua própria "conversão" do etnocentrismo, que humanamente compartilhou conosco, em seu encontro com a mulher canaã ou sírio-fenícia, onde Jesus se deixa desafiar e interpelar por ela até ceitar de abandonar uma primeira posição claramente excludente. Nesta história vemos como Jesus aprende com ela que a Boa Nova de Deus e do Reino que tinha vindo para inaugurar não estava circunscrito apenas para o povo de Israel (cf. Mt 15,21-28; Mc 7,24-30).

A boa notícia do Espírito é que a conjuntura histórica em que nos encontramos hoje nos convida a assumir a multiculturalidade de nossas comunidades, sociedades e serviços pastorais como uma possibilidade de conversão e transformação, ao invés de vê-la como um problema a resolver. Não é e nem será fácil, não nos

dará a segurança e a estabilidade que temos perdido ou desejamos. Não possui receitas que garantam o sucesso. Mas se a interculturalidade como Projeto radicalmente inclusivo do Reino que Jesus inaugurou capturar nossa imaginação, terá o poder extraordinário de transformar nossas comunidades em sinal que o mundo dividido, fragmentado e conflituoso de hoje está precisando e exigindo.

Imaginemos nossos carismas refundados a partir do encontro com os valores de outras culturas. Vislumbraremos a riqueza multifacetada que eles adquiririam. No entanto, esta Páscoa não virá sem uma cruz. Dar o verdadeiro lugar ao intercultural implica o "deixar ir" daquilo para o qual talvez tenhamos dado, como instituição, nossa vida e nossa paixão por muitos anos, a fim de dar lugar ao novo que está emergindo. A cultura "E" é o resultado de um processo de sinergia em que o resultado é maior que a simples soma das partes.

4. A urgência de uma opção intencional a partir da profecia para a esperança

Como qualquer processo vocacional de apelo à conversão, a interculturalidade não está destinada apenas ao nosso crescimento pessoal e / ou comunitário, que nos leva apenas a buscar uma vida mais pacífica, confortável e tolerante. A vida e a missão interculturais hoje se tornarão um sinal de esperança profética, se ela se construir como um novo estilo de vida alternativo. A refundação da vida religiosa hoje não pode ser feita separadamente da interculturalidade como um sinal dos tempos do mundo de hoje.

"Porque a humanidade se tornou escandalosamente separada e oposta, nós (individual e corporativamente) devemos fazer uma escolha. Ou nós preferimos continuar pecando – por exclusão, separação e manutenção de limites - e todos os dias comer e beber nossos próprios julgamentos... ou resolvemos aceitar a opção radical de Deus para a humanidade e, com a ajuda de Deus e nossa firmeza, mudar nossas vidas. Não há um terceiro caminho. Ambos, o futuro da humanidade e da Igreja, podem depender disso. "
(Anthony Gittins)

A vida intercultural como opção intencional de comunidades religiosas que atravessam fronteiras e se abrem ao "diferente" desconstruindo a "suposta" e anti-evangélica superioridade de alguns / as sobre outros / as se torna um "laboratório" para ensaiar, com a própria vida, relações diferentes relações entre as culturas: as relações de serviços em matéria de igualdade e não de dominação, de capacitação mútua e não de hierarquias que infantilizam ou sufocam a vida, de diálogo e não de assimilação, de encontro e não de colonização, de inculturação e de inter-culturação.

Mas assumir a interculturalidade a partir do Projeto do Reino não é apenas um exercício intra-comunitário. A verdadeira riqueza dessa prática, que é desempenhada no cotidiano da vida ad-intra, é o potencial impacto profético que a transformará em esperança para o mundo de hoje. A interculturalidade será um sinal de esperança profética para a humanidade, se a nossa própria experiência de convívio valoriza e dá lugar mutuamente transformador à "diferença" portas a dentro, nos põe a caminho para sair ao encontro do diferente, do marginalizado e explorado de hoje.

Somente aqueles que passaram pela conversão pessoal do etnocentrismo para a sensibilidade intercultural terão olhos para ver e assistir ao sofrimento dos invisíveis e excluídos do mundo atual. Como na parábola do "Bom Samaritano" apenas o "estrangeiro", aquele de que nada era esperado, pode ver primeiro e, em seguida, auxiliar aquele que estava caído na beira da estrada renovando a sua esperança e denunciando, implícita e profeticamente, a cegueira do levita e do sacerdote que passava ao longo do caminho ... (cf. Lc 10, 25-37)

Nós, também, se nos deixarmos desafiar e enriquecer pelo olhar do "estrangeiro" e do culturalmente "diferente", permitiremos a refundação de nossos carismas ampliando a visão de nossos fundadores de maneira que, quem sabe, hoje nem podemos imaginar. Não é um caminho fácil nem isento de desafios, mas se respondermos aos sinais dos tempos, a partir da confiança na obra do Espírito, poderemos anunciar a boa notícia da interculturalidade, e denunciar tudo aquilo que nega, a partir da força e da riqueza do Projeto do Reino, radicalmente inclusivo, que Jesus inaugurou.